



Natureza e Educação Infantil: vivências, experiências e novas descobertas

Rita de Cássia Silva e Silva

Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM, Brasil

Maria de Fátima Ramos de Andrade

Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS, Brasil / Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM, Brasil

RESUMO

Os espaços escolares e as instituições educativas urbanas tendem a proporcionar às crianças pouco contato com a natureza. O presente estudo, considerando o cenário da Educação Infantil, tem como objetivo investigar, como as crianças pequenas se apropriam da natureza e que estratégias pedagógicas poderiam contribuir para essa apropriação. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo de cunho aplicado, realizado numa escola particular de Educação Infantil, na cidade de São Paulo. Por meio da elaboração, execução e análise de uma sequência didática, que partiu dos conhecimentos prévios das crianças, concluímos que as crianças participaram ativamente da proposta, aproveitando os cantos verdes da escola como espaços de investigação. Neles, por meio de uma pedagogia sensível da escuta, elas nos mostravam com suas indagações, olhares e seus corpos suas aprendizagens.

Palavras-chave: Educação Infantil; apropriação da natureza; infância.

NATURE AND EARLY CHILDHOOD EDUCATION: EXPERIENCES, EXPERIENCES AND NEW DISCOVERIES

ABSTRACT

School spaces and urban educational institutions tend to provide children with little contact with nature. The present study, considering the scenario of Early Childhood Education, aims to investigate how young children appropriate nature and what pedagogical strategies could contribute to this appropriation. This is a qualitative research of applied nature, carried out in a private school of Early Childhood Education, in the city of São Paulo. Through the elaboration, execution and analysis of a didactic sequence, which started from the previous knowledge of the children, we concluded that the children actively participated in the proposal, taking advantage of the green corners of the school as spaces for investigation. In them, through a sensitive pedagogy of listening, they showed us their learning with their questions, their looks and their bodies.

Keywords: Early Childhood Education; appropriation of nature; childhood.

NATURALEZA Y EDUCACIÓN INFANTIL: EXPERIENCIAS, VIVENCIAS Y NUEVOS DESCUBRIMIENTOS

RESUMEN

Los espacios escolares y las instituciones educativas urbanas tienden a proporcionar a los niños poco contacto con la naturaleza. El presente estudio, considerando el escenario de la Educación Infantil, tiene como objetivo indagar cómo los niños pequeños se apropian de la naturaleza y qué estrategias pedagógicas podrían contribuir a esta apropiación. Se trata de una investigación cualitativa de naturaleza aplicada, realizada en una escuela privada de Educación Infantil, en la ciudad de São Paulo. A través de la elaboración, ejecución y análisis de una secuencia didáctica, que partió de los conocimientos previos de los niños, se concluyó que los niños participaron activamente en la propuesta, aprovechando los rincones verdes de la escuela como espacios de investigación. En ellas, a través de una pedagogía sensible de la escucha, nos mostraron su aprendizaje con sus preguntas, sus miradas y sus cuerpos.

Palabras clave: Educación Infantil; apropiación de la naturaleza; niñez.

1 INTRODUÇÃO

Apesar dos inúmeros estudos no campo da Educação Infantil, ainda, é possível esbarrarmos em modelos educacionais hegemônicos que, geralmente, tendem a desconsiderar a criança como sujeito histórico/cultural e social, possuidora de sonhos, vontades, desejos e interesses próprios. Apesar de o brincar, o explorar e o investigar na Educação Infantil estejam respaldados nos documentos oficiais e implícitos em muitas propostas pedagógicas (Brasil, 2010; 2017), ainda é visível marcas de resistência, por meio da atuação de educadores que, em grande parte, não consideram a criança como sujeito capaz de participar das decisões que dizem respeito à sua vida pessoal e interpessoal.

As crianças necessitam e merecem vivências que promovam encontros com a natureza, cheios de potenciais estéticos e permeados pelas múltiplas linguagens. Assim, as crianças se tornam protagonistas em seus processos de aprendizagem, uma vez que elas tocam ao mesmo tempo em que são tocadas, manuseiam e são afetadas, buscam e encontram, investigam e descobrem num constante desvendar o mundo interior e exterior ao qual pertencem.

Diante do que foi exposto e considerando o contexto da Educação Infantil, tem-se como objetivo de pesquisa investigar como as crianças pequenas se apropriam da natureza e que estratégias pedagógicas poderiam contribuir para uma apropriação mais significativa.

O presente artigo está estruturado da seguinte forma: na primeira parte, discorreremos sobre os conceitos de criança, infância e Educação infantil, numa perspectiva histórico-cultural; na sequência, apresentamos a sequência didática desenvolvida no contexto da Educação Infantil e, por último, tecemos algumas conclusões.

2 CRIANÇA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: ALGUMAS CONCEPÇÕES

O conceito de criança é uma construção social e histórica. Portanto, definir um único modelo de infância que seja igualitário seria uma controvérsia às pesquisas, aos estudos, aos dados sociológicos e antropológicos descritos na história. A infância é dinâmica e está em constante cinesia, deixando impresso suas transformações em cada tempo e espaço da história humana. Para Miguel Arroyo (1994),

A construção da infância, historicamente, depende muito da construção de outros sujeitos. Qual o sujeito mais próximo à construção da infância? E a mãe, a mulher. Mulher e infância sempre estiveram próximas, porque a mãe na nossa cultura é a reprodutora: não só aquela que gera, que dá à luz, mas também a que continua gerando, produzindo, reproduzindo a infância: na saúde, na socialização na moralização, nos cuidados etc. Dependendo do papel da mulher na sociedade, vamos encontrar um papel diferente para a Infância (Arroyo, 1994, p. 90).

Assim, tanto as mudanças sociais quanto culturais e políticas interferem na forma como se concebe a criança e a infância. Segundo Miguel Arroyo (1994), com o ingresso da mulher no mercado de trabalho tem-se como consequência a socialização dos cuidados da criança, ou seja, se antes a criança era de responsabilidade da mulher, passa a ser coletiva. No passado, segundo o autor, “a infância condensava o momento dos cuidados, como se criança fosse uma sementinha tenra de quem o educador cuidava como bom jardineiro” (Arroyo, 1994, p. 90). Assim, o professor de educação infantil é visto como um jardineiro, um condutor de infantes. Diferente dessa visão, o autor defende que não deveríamos olhar a infância como um período de preparação para o vir a ser, pois, “cada idade tem em si mesma a identidade própria que exige uma educação própria uma realização própria enquanto idade e não enquanto preparo para outra idade” (Arroyo, 1994, p. 90).

Também, segundo Arroyo, historicamente, trata-se de um projeto educativo para a criança, direcionado “para preparar as crianças pobres para o trabalho” (Arroyo, 1994, p. 91). Outra visão de infância criticada pelo autor é aquela que concebe a criança enquanto “sujeito de domínio de atividades letradas” (Arroyo, 1994, p. 91). Nela, a escola assume a responsabilidade de preparar a criança para os anos subsequentes, desconsiderando a sua infância em detrimento de uma escolarização precoce. O autor preconiza uma proposta para a educação infantil que traga condições materiais, pedagógicas, culturais, sociais, alimentares, espaciais subjacentes, posto que são essenciais para que a criança vivencie e experimente os seus direitos de cidadania desde a infância; cada fase de desenvolvimento dela possui suas especificidades e deveria ser vivida em sua totalidade.

Com a intenção de ampliar a discussão proposta por Arroyo, temos nos estudos de Peter Moss (2008) importantes contribuições. Partindo da ideia do construcionismo social, o autor afirma que os conceitos de infância e de criança são construções sociais, ou seja, somos nós que socialmente construímos tais conceitos. Para o autor,

[...] a teoria do construcionismo social parte da premissa de que o mundo e nosso conhecimento são construídos socialmente e que todos nós, como seres humanos, somos participantes ativos desse processo, engajados com um relacionamento com o outro em realização significativa (Moss, 2008, p. 237).

De acordo com o autor, o construcionismo afasta a ideia de criança ou infância universal que fica à espera de ser descoberta, definida e realizada, isto é, que vive uma infância conhecida e tratada como uma construção social que ainda vê a criança como um futuro adulto, sendo apenas um instrumento passivo daquilo que os programas pedagógicos, preparados pelos adultos a contemplam.

Tanto Miguel Arroyo quanto Peter Moss concebem os conceitos de criança e de infância como construções sociais e históricas.

Peter Moss defende ainda a ideia de co-construção, no qual as crianças tenham um certo protagonismo, em que haja trocas e questionamentos subsequentes de conhecimentos entre professores-crianças, surgindo assim, desdobramentos repletos de reflexões, de experiências, de inquietações, de pesquisas e de novas descobertas. Para o autor:

A infância está relacionada, a fase adulta, mas não hierarquicamente, ao contrário, é uma etapa importante da vida em si mesma, que deixa traços nas etapas posteriores. Não estamos preocupados apenas com o adulto que a criança vai se tornar, mas com a infância que a criança está vivendo (Moss, 2008, p. 242).

O autor, ao descrever projetos para a primeira infância, afirma que as escolas de Educação Infantil deveriam ser:

[...] locais para a provocação e confrontação, discordâncias e indocilidade, complexidade e diversidade, incerteza e ambivalência, mantendo o pensamento crítico aberto, o deslumbramento e assombro, a curiosidade e diversão, aprendendo com adultos e também com as crianças sobre perguntas para as quais as respostas não são conhecidas (Moss, 2008, p. 246).

A Educação Infantil, nas últimas décadas, vem consolidando o conceito que vincula educar e cuidar, tendo como entendimento que o cuidado deve seguir concomitantemente ao educar. Nesse ambiente, quando as creches e pré-escolas acolhem as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente familiar e no contexto de sua comunidade, os entrelaçando em suas propostas e estratégias pedagógicas, o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças são ampliados.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação (DCNE, 2010), em seu artigo 9º, os pilares estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações, as brincadeiras e as experiências nas quais as crianças constroem e apropriam-se de conhecimentos por meio das convivências e ações com seus pares e com os adultos, possibilitando aprendizagens, desenvolvimento e socialização. A BNCC ressalta que:

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (Brasil, 2017, p. 33).

A BNCC assegura os direitos de aprendizagens e desenvolvimento na Educação Infantil, condições para que as crianças estejam inseridas em situações nas quais possam vivenciar um papel ativo em ambientes desafiadores. As crianças ao experienciarem tais desafios, são motivadas a investigação, levantamento de hipóteses e na busca de resolução para os problemas, construindo assim sentido e significado sobre si, os outros, o mundo social e natural ao qual pertence.

As escolas de Educação Infantil, enquanto ambientes de entrelaçamento, divulgação e produção de culturas têm como função primeira, possibilitar que as crianças ampliem seu vínculo com a natureza. Trazendo como elemento propulsor, vivências que propiciem experiências reais e significativas em suas relações com as plantas, com as árvores, com os animais, com as águas, com as chuvas, com as pedras, com o vento, com o fogo, com os tipos diferentes de texturas, sons, cores e sabores, participando, interagindo prazerosamente, sentindo e aprendendo. Ao se interessarem e cuidarem das coisas do mundo natural, as crianças observam e aprendem a solidariedade, desenvolvem a escuta atenta às linguagens da natureza, o que lhes permite aprofundar a conexão consigo mesmas e desenvolverem o sentimento de harmonia com os demais seres: o processo de humanização tem seu percurso nos caminhos de intimidade com a natureza.

Segundo Lea Tiriba (2010), se o educador quiser cooperar para a integridade e preservação da biodiversidade no planeta, ele teria como missão cuidar para que as crianças tenham contato com o universo natural a que fazem parte. A natureza é um organismo vivo e que deve ser observada para além do olhar racional, pois conhecer e sentir o mundo envolve outros processos e não somente a razão, principalmente, quando se refere às crianças da Educação Infantil, o que as define não é apenas a sua racionalidade, pois o conhecimento é construído no convívio com elementos da natureza e dos objetos. O processo de aprendizagem

não diz respeito somente a uma representação mental de mundo, mas um processo em que corpo e mente, razão e emoção constituem uma unidade, em que estão totalmente articulados.

Partilhar e compartilhar práticas favoráveis sobre escolas que buscam integrar a natureza em seu fazer educativo, espaços e tempos é um desafio, pois, convivemos com muitas diversidades de contextos e cenários, o que funciona muito bem em uma comunidade pode não acontecer em outra. A Educação Infantil, ao proporcionar o convívio das crianças com a natureza, pode privilegiar experiências significativas e mediar a construção das relações das crianças com o mundo.

Os espaços naturais, em geral, promovem o brincar livre que traz a riqueza da entrega, cooperação, autonomia, diversidade de experiências; todo este entrelaçamento coopera com o desenvolvimento de aprendizagens que propicia a autoria, a criatividade e a autonomia da criança. O correr entre as árvores, as pedras, os troncos, as rampas, os degraus; o pular, o cair, o escalar, o equilibrar possibilitam experiências que fazem com que a criança incorpore a natureza. Assim, dessa maneira, o desenvolvimento físico, mental, emocional e o seu bem-estar são fortemente impactados e transformados.

Portanto, proporcionar às crianças a convivência em espaços mais verdes e ricos em elementos naturais pode contribuir para o bem-estar, aprimoramento e desenvolvimento de habilidades socioemocionais, por meio de experiências sensíveis e restauradoras.

3 RELATO DA EXPERIÊNCIA: AS AÇÕES DESENVOLVIDAS COM AS CRIANÇAS

Para a realização do estudo, optou-se pela abordagem qualitativa de cunho aplicado. Além de contribuir na produção do conhecimento, essa escolha metodológica tem como foco a resolução de problemas práticos. Como evidenciado anteriormente, a pesquisa traz questionamentos sobre o fato de as crianças, no contexto da Educação Infantil, terem seu aprendizado, em geral, limitado ao espaço da sala de referência, com brinquedos prontos, com rotinas padronizadas, deixando assim pouco tempo para as interações, para as brincadeiras em contextos que explorem a diversidade encontrada na natureza.

A pesquisa foi desenvolvida numa escola situada na zona oeste da cidade de São Paulo, no período de dois meses. O espaço da escola conta com uma cozinha experimental, uma horta, um quiosque onde as crianças podem realizar variadas atividades, sala de música, sala de inglês, sala de tecnologia e inovação, ateliê de arte, um parque com tanque de areia, casinhas, escorrega, quadra e um pequeno espaço verde.

A pesquisa envolveu um grupo de crianças bem pequenas (19 meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses) e a escolha dos procedimentos foi

pensada levando em consideração o processo de desenvolvimento dessa faixa etária. Além disso, o objetivo geral – investigar estratégias pedagógicas que contribuíssem para a apropriação dos espaços da natureza pela criança, no contexto da Educação Infantil – foi o foco para a constituição tanto do caminho metodológico quanto da escolha dos procedimentos de coleta de dados. Considerando os aspectos apontados anteriormente, utilizou-se como instrumentos de pesquisa: registros escritos (diário de bordo), registros fotográficos, registros audiovisuais e conversas com a professora da sala.

Para uma observação eficaz e eficiente, foi necessário clareza dos objetivos a serem observados, para não se perder em meio a tantas possibilidades. Nos espaços arborizados da escola, por exemplo, há multiplicidade de possibilidades existentes nesse contexto, onde protagonizaram vários grupos de crianças desenvolvendo ações diferentes, como exploração da areia, brincadeiras de casinha ou de fazer comidinha, coleta de folhas e sementes, contagem utilizando gravetos, sementes, flores e folhas, jogos simbólicos de heróis, desenho na terra etc.

A participação das crianças foi essencial na construção da sequência, pois foi a partir dos conhecimentos prévios, do interesse e das necessidades delas que se foi definindo uma sequência didática que tivesse sentido e que fosse significativa no processo de conhecimento pelas crianças.

O projeto de pesquisa não foi introduzido aleatoriamente, antes tomou-se o cuidado de que a pesquisa fosse inserida como propulsora no processo gradual de vivências e experiências que as crianças estavam percorrendo. A sequência didática intitulada “Natureza e Educação Infantil: vivências, experiências e novas descobertas” foi desenvolvida em oito encontros. A seguir, apresenta-se o que foi desenvolvido com as crianças.

4 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA E A ANÁLISE DO QUE FOI FEITO

a) 1º Encontro

Iniciou-se o trabalho com a intenção de conhecer os conhecimentos prévios que as crianças tinham sobre a natureza e como elas se relacionavam com ela. Entretanto, antes dessa discussão, conversou-se sobre a pesquisa que seria desenvolvida. Sendo assim, os objetivos da primeira atividade, a partir de uma roda de conversa, foi compartilhar o projeto de pesquisa “Natureza e Educação Infantil: vivências, experiências e novas descobertas” que seria desenvolvido. Vale ressaltar que a proposta da pesquisa evidencia a importância de as crianças, também, assumirem o papel de pesquisadoras. Logo, tanto a pesquisadora-autora quanto as crianças estavam imbuídas de uma postura investigativa. Nesse sentido, indo ao encontro do

que diz Holm (2005, p. 9), quando afirma que “as crianças são curiosas, pesquisadoras, mergulham nos projetos – o campo aberto”. Assim, as crianças foram encorajadas a:

Aprender a pesquisar, a ter confiança em si mesmas e a ter coragem de se pôr a trabalhar em coisas novas. As crianças não deveriam ser preparadas para um tipo determinado de vida; deveriam sim, receber ilimitadas oportunidades de crescimento. Aprendendo que uma tarefa pode ter várias soluções, adquirimos força e coragem (Holm, 2005, p. 9).

Resumidamente, no quadro 1, explicita-se os objetivos de aprendizagem e os recursos utilizados na primeira atividade proposta:

Quadro 1 – 1º Encontro

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento	Recursos
(EI02EF01) Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões. (EI02ET01) Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (textura, massa, tamanho).	- Lupas - Binóculos - Objetos diversos

Fonte: As autoras.

No episódio 1, apresentamos um trecho do que aconteceu no primeiro encontro. Episódio 1 - (1ª Parte): Pesquisar e observar

Professora: A professora quer fazer uma proposta para vocês, eu vou fazer uma pesquisa. Alguém sabe o que é pesquisar?
Criança 1: Pesquisar é observar as coisas.
Professora: Que tipo de coisas podemos observar?
Criança 2: Podemos pesquisar bichos.
Criança 3: Caramujos.
Professora: Um de cada vez, vamos ouvir o amigo agora.
Criança 1: Também, quando a gente pega bastante banana e pesquisa, elas são diferentes!
Professora: Ah, quer dizer que podemos pesquisar bananas também?
Criança 1: A gente pode pesquisar qualquer coisa, caramujo, lagarta...
Professora: Mas vocês sabem o que faz um pesquisador?
Criança 2: Ele procura...
Criança 3: Pesquisa e observa...
Professora: Mas o que o pesquisador usa para investigar?
Criança 3: Ele usa um caderno para anotar.
Criança 2: Bússola, binóculo.
Criança 3: Eu, ele usa a lupa.
Professora: Muito bem crianças, isso mesmo! Agora vamos brincar de pesquisador.

Ao analisar o trecho acima, recorreremos aos estudos de Holm (2005), quando a autora afirma que cinco fatores são essenciais para o novo aprendizado: o espaço, o corpo, o material, a experimentação e o adulto. Segundo Holm (2005), esses fatores não devem limitar o estar num espaço desafiador;

a disponibilidade para o corpo se movimentar livremente; a decisão da criança de onde ficar na sala; a escolha de materiais pela criança; a oportunidade de

experimental; o controle de tempo; a conversa, o bate papo; a liberdade da criança para ser ela mesma (Holm, 2005, p. 9).

Pautada nessa premissa acima descrita, foram disponibilizados lupas e binóculos para as crianças a fim de que encontrassem algo que lhes fosse atrativo para investigar. Cada criança procurou observar o que lhe era mais interessante; uns investigaram brinquedos, outros pesquisaram sementes e gravetos encontrados em uma caixa na sala. Houve também, os que compartilhavam da mesma ideia do objeto de pesquisa e não hesitaram em compartilhar as descobertas, as discussões e os materiais. Era possível observar a diversão, o encantamento e a alegria que envolvia o corpo que se movimentava livremente nos espaços em busca de novos experimentos da investigação. Vale mencionar que alguns instrumentos, como a bússola e o binóculo, já eram utilizados pelas crianças.

O primeiro encontro foi elaborado por meio de uma escuta atenta às ideias das crianças e ao processo investigativo delas e, assim, assumidos como pressuposto da concepção de criança como sujeito de direitos. Friedmann (2020) aponta que com o desenvolvimento da Pedagogia, Psicologia e das concepções atuais de direitos humanos, o universo adulto passou a ter maior interesse em compreender os conceitos dos territórios infantis. Nos últimos dez anos, a ideia de que a criança possui habilidades e culturas próprias foi ampliado, porém ainda pouco se sabe a respeito de como pesquisar, perceber e assimilar a cultura gerada nesses territórios. A autora também afirma que:

As ciências sociais têm dado importante contribuição, defendendo e mostrando que as crianças são atores sociais e autores de suas vidas, que integram grupos sociais com linguagens e culturas próprias, que merecem ser estudados e escutados (Friedmann, 2020, p. 38).

Apesar de as crianças serem “[...] protagonistas, atores sociais e autoras das próprias vidas” (Friedmann, 2020, p. 38) e as políticas públicas avançarem, tais mudanças necessitam perpassar pela compreensão e apropriação por parte dos professores. Como se sabe, tal direito foi recentemente garantido pela legislação, porém, ainda não foi incorporado integralmente pelas práticas sociais (Sarmiento, 2007). Muitas vezes, ainda, as crianças são tratadas como objetos e não como sujeitos, protagonistas. Além disso, o professor por não compreender e nem considerar válidos os modos de comunicação das crianças, não tem a preocupação com os seus sentimentos, desejos e expectativas em participarem ou não das pesquisas. Para encerrar o primeiro encontro, retomou-se a roda de conversa e cada criança teve a oportunidade de relatar o que foi mais significativo nesse primeiro encontro. Um trecho da roda de conversa:

Professora: Vocês gostaram de pesquisar?

Criança 4: Eu vi o bichinho maior com a lupa...

Criança 5: Ah, eu observei as folhas, pedras e gravetos.
Criança 6: Nossa... a cor da fruta ficou mais escura com o binóculo.
Criança 5: Eu observei que a fotografia do mural tem natureza.
Criança 4: Lá no quiosque, eu observei árvores, plantas pequenas e grandes.
Criança 6: Oh, professora...
Professora: Calma...calma
Criança 5: Eu consegui ver as escamas do peixinho do aquário!
Professora: Que legal, crianças!

Percebe-se que o aluno 5, embora de forma não explícita no início, tem uma percepção já bem complexa e elaborada sobre o que é observar e o que é possível observar, bem como consegue definir de maneira clara os elementos observados.

E assim, terminamos nosso primeiro encontro: crianças e pesquisadora entrelaçados, envolvidos no encantamento do prazer de observar e pesquisar.

b) 2º Encontro

No segundo encontro, a intenção foi retomar o que foi feito no primeiro e levantar os conhecimentos prévios das crianças a respeito do que é natureza e em que medida elas percebiam que faziam parte dela. A esse respeito Piorski (2016, p. 63) diz que

[...] a criança, em contato com matérias primitivas, ao mesmo tempo em que experimenta e transfigura o mundo, repercute-o em si mesma. É o que denomino de ‘sonhos de intimidade’. Ungida de encantamento imaginal, ela traz para si, para a sua própria lavoura mágica, as reentrâncias sociais, o poderoso e impositivo halo de costumes e significâncias.

Segundo o autor, a criança possui um enorme interesse por sons, cores, afazeres, gestos, formas, sabores, texturas, bem como o desejo de tocar em tudo e de explorar, sem falar da habilidade em fazer perguntas. As crianças também possuem o fascínio por coisas pequenas, que representam o grande em proporção menor; tal prática pode ser compreendida como uma maneira prazerosa de comunicar e inteirar-se da vida. Esse desejo penetra a criança nas coisas existentes, num intimar para pertencer, conhecer, ser inclusa, participar do que a constitui como pessoa. Para tanto, no quadro 2 apresentamos os objetivos e recursos do segundo encontro.

Quadro 2 – 2ª Atividade

Objetivos de aprendizado e desenvolvimento	Recursos
(EI02EF01) Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões. (EI02ET01) Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (textura, massa, tamanho).	- Caixa - Elementos da natureza e outros objetos

Fonte: As autoras.

O segundo encontro foi pautado em ouvir as crianças por meio de uma escuta atenta, permitindo que elas, como pesquisadoras curiosas, relatassem o que sabiam sobre a natureza. Também foi trazido uma caixa com objetos variados como: fotografias, brinquedos, folhas, gravetos, colher de pau, dentre outros. No segundo episódio, descreve-se o que foi proposto.

Episódio 2 - A caixa

Professora: Olhem, o que eu trouxe aqui!

Criança 4: O que tem aí dentro?

Professora: Surpresa...

Criança 5: Ah... eu quero ver.

Professora: Já, já vou mostrar, a professora Rita trouxe vários objetos e preciso da ajuda de vocês.

Criança 6: Oba, eu, eu, eu.

Professora: Vocês se lembram que eu disse que vocês seriam meus investigadores da natureza?!

Criança 5: Sim, eu lembro.

Professora: Hoje vocês vão me ajudar a separar tudo o que é natureza e o que não é natureza.

Criança 4: Legal!

As crianças desembrulharam a caixa, abriram e observaram o conteúdo dela. Ficaram livres para mexer, observar, cheirar, tocar, enfim, explorar.

Episódio 2 (Continuação) - Investigando por meio dos sentidos

Professora: Vou colocar os objetos no chão e vocês vão me dizer o que pertence à natureza e o que foi criado pelo homem.

Criança 6: Eca! Alho é natureza?

Criança 5: a folha.

Criança 7: A colher de pau não é da natureza, mas é de madeira...

Criança 5: A fotografia não é natureza, mas ela tem natureza.

Professora: E o que é que tem na natureza?

Criança 5: árvores, plantas, frutas, abacateiro.

Criança 7: Calma, calma, só vai falar quer estiver com o microfone na mão (material não estruturado).

Criança 7: Na natureza tem folhas.

Foi disponibilizada a caixa e todo material para que as crianças pudessem observar, manusear e, posteriormente, falarem sobre o que foi visto, observado, manipulado, bem como a oportunidade para descreverem suas sensações (foram observadas as falas espontâneas das crianças). Segundo Piorski (2016, p.63):

[...] são dois os modos de intimidade despertados pelo brincar, que constituem base de conhecimento, modos fundantes de vinculação com o mundo: a intimidade que habita a vida material e a intimidade que habita a criança. O primeiro é o momento em direção ao real; o segundo, um movimento de repercussão deste na criança.

Dessa maneira, depois de oportunizar que as crianças explorassem, manipulassem e também realizassem suas hipóteses por meio dos sentidos; fez-se algumas perguntas, tais como:

O que é natureza? O que tem na natureza? Você já andou na natureza? Todos esses materiais são da natureza?

Por serem crianças urbanas, tinha-se como intencionalidade descobrir o que elas sabiam sobre natureza e seus elementos. Segundo Friedmann (2020, p. 56), as crianças das zonas rurais, em geral, têm uma certa vantagem em relação às urbanas, pois em suas

[...] brincadeiras têm algumas características particulares: acontecem em amplos espaços, em contato direto com a natureza, fundindo-se em elementos do entorno. Os brinquedos são geralmente construídos com o que há na natureza: água, terra, plantas, árvores, bichos. Crianças de várias idades se unem, umas ensinando as outras (Friedmann, 2020, p. 56).

Sendo assim, depois de toda exploração dos materiais, as crianças puderam falar o tipo de material que manipularam e responderem com mais convicção às perguntas feitas. Segundo a autora Mattos *et al.* (2020, p. 18), “o brincar livre é um momento fundamental de observação para o educador. É a oportunidade de contemplar em quietude interior o que cada criança tem a nos dizer”. Nesse processo de observação, tanto por parte das crianças como da pesquisadora, levantou-se algumas hipóteses e questionamentos, como se apresenta a seguir:

Episódio 2 (Continuação) - O que é natureza? Somos natureza?

Professora: Vou perguntar para outra criança, o que é natureza?

Criança 7: A plantinha que vive na terra e fica sempre na terra.

Professora: E o que é natureza? A planta, a terra ou os dois são natureza?

Criança 4: Os dois.

Professora: Vou perguntar para outra criança, o que é natureza?

Criança 4: Folha, folha de papel.

Professora: Mas, o papel é natureza, do que é feito o papel?

Criança 6: De árvore.

Professora: Ah, é feito com uma árvore chamada Eucalipto.

Professora: Vou perguntar para outra criança, o que é natureza?

Criança 7: Flor, areia ...

Professora: Podemos comer algumas coisas da natureza?

Criança 4: A azeitona também é natureza. O planeta terra é natureza.

Professora: E quem está no planeta terra?

Criança 5: A gente, o planeta é tão pequenininho que a gente não o vê rodando, mas ele é natureza, sabe por quê? Ele faz as plantas nascerem com a água dele.

Professora: Então quer dizer que nós somos natureza? Quem acha que nós somos natureza levanta a mão (seis crianças levantaram a mão)

Professora: E por que vocês acham que nós somos natureza?

Criança 5: Porque a gente mora no planeta Terra.

Professora: E quem criou o planeta Terra?

Criança 5: Foi Deus né...

Criança 6: Mas tem uma coisa no planeta que não é natureza.

Professora: Você sabe me dizer o que é?

Criança 6: A rua.

Professora: Ah... então quem fez a rua

Criança 6: O homem.

Professora: Mas ele usou as coisas da natureza para fazer a rua?

Apesar de as crianças serem ouvidas livremente em suas hipóteses e seus conhecimentos precursores, a pesquisadora esteve atenta ao processo de mediação intencional quanto ao desenvolvimento das crianças. Segundo Vygotsky (1992, p.33), a intencionalidade pedagógica do educador é essencial pois,

[...] a intervenção pedagógica provoca avanços que não ocorreriam espontaneamente. A importância da intervenção deliberada de um indivíduo sobre o outro como forma de promover desenvolvimento articula-se com um postulado básico de Vygotsky: a aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento desde o nascimento da criança. A aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas (Vygotsky, 1992, p. 33).

Sendo assim, toda mediação entre o novo e os conhecimentos prévios foi sendo realizada gradualmente a cada encontro. As crianças depois de experimentarem e experienciarem os materiais apresentados puderam classificá-los como pertencentes à natureza ou não. Nesse processo, algumas crianças, por meio de uma percepção mais aguçada, perceberam-se como fazendo parte da natureza. Encerrou-se o segundo encontro com muito entusiasmo, com sabor de quero mais, momento em que se traçou com as crianças um percurso cheio de novos desafios para o encontro seguinte.

c) 3º Encontro

O terceiro encontro foi permeado por grande euforia e entusiasmo, ao se relembrar com as crianças o percurso e os novos desafios traçados no encontro anterior e os que deveriam ser realizados nesse terceiro encontro. Em roda, antes de se sair a campo, fez-se um levantamento com as crianças sobre quais espaços no interior da escola possuíam algum tipo de natureza que eles se lembravam. Tendo sempre presente que as lembranças e os conhecimentos permeiam a mente, o corpo, os sentimentos e as emoções, a autora Mattos *et al.* (2020, p. 22) dizem que:

O corpo físico é um cálice criado pela hereditariedade na terra. É uma herança que recebemos, mas que desenvolvemos e moldamos ao longo da nossa infância. É a parte do organismo humano capaz de receber e acolher o nosso cerne, nossa parte mais íntima e individual que podemos chamar de alma humana, dando-lhe uma estrutura e proteção. Assim como o tronco de uma árvore apreende e envolve o seu âmago, o durame, que é a parte, mais interna formada por células mortas, o cérebro humano que é a parte mais dura e perfeita (do latim perfectus, que trata daquilo que foi inteiramente, plenamente acabado até o fim) é recoberta pela nossa corporalidade (Mattos *et al.*, 2020, p. 22).

Segundo as autoras, o desenvolvimento da criança, como todo ser humano, necessita transcender sua constituição gênica como também a global para que se atinja uma concepção

individual. Nesse sentido, pode-se comparar a uma obra de arte, arte é única, irrefutável, assemelhando-se a pedras. O ser humano é arte e artista ao mesmo tempo; os homens são artesões, a priori, da sua estrutura física e, posteriormente, da história dele, que se constrói ancorada na corporalidade, sem a qual a mesma não se realizaria. Esse fato se torna claro, quando ocorre dificuldades na saúde ou algumas restrições mecânicas da expressão corporal, nesse processo a escrita biográfica torna-se mais desafiadora. Sendo assim,

A seguir, visitaremos esses pequenos lugares que criam exatamente essa relação de absorver significados novos a cada dia, sem função específica, dominante ou permanente, pois estão sempre em mutação, potencializados pela imaginação, criatividade e liberdade do olhar da infância, espaços que existem em harmonia com o ‘ser inacabado’ que tanto nos ensina Paulo Freire, pois, para uma educação focada no processo, na possibilidade de sempre ir além, tendo consciência de seu inacabamento, mais valem os espaços que nunca estarão prontos ou resolvidos. São maleáveis, flexíveis, fluidos e, portanto, abertos a diversidade e ao inesperado (Oliveira, 2007, p. 81).

Segundo Oliveira (2007, p. 80), a coleta sempre parte de um encantamento, quando a criança é surpreendida ao encontrar algo. “Quando trazemos algo conosco do caminho, queremos esticar aquele sentimento de encantar-se, fazer acontecer mais uma vez o encontro. É o desejo de se sentir de novo aquilo que vibrou em nós na primeira vez que nos surpreendemos”.

Neste encontro, as crianças percorreram todo espaço escolar em busca de miudezas e elementos da natureza e para maior explicitação do desenvolvimento delas, no quadro 3, apresenta-se os objetivos e recursos do terceiro encontro.

Quadro 3 – Atividade 3

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento	Recursos
(EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música. (EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.	- Saquinhos plásticos para a coleta dos materiais

Fonte: As autoras.

A seguir, apresenta-se trechos do que ocorreu no terceiro encontro.

Episódio 3 - Espaço escolar e natureza

Professora: Vocês conseguem se lembrar onde temos natureza aqui em nossa escola?

Criança 7: No parquinho colorido tem natureza.

Criança 8: No parquinho de madeira também tem natureza.

Criança 9: Na horta.

Criança 7: No quiosque.

Professora: Sabe quando vocês vão para a aula de música?

Professora: Ali podemos observar a natureza também.

Criança 8: Tem, tem as plantinhas.

Professora: A professora preparou uns saquinhos plásticos, vamos coletar em cada espaço que falamos, tudo o que for natureza. Entenderam? Será que o que vamos encontrar no quiosque é igual ao que tem na horta?

Criança 8: Eu acho que sim.

Professora: Iremos investigar esta hipótese. Neste saquinho vamos colocar os materiais que encontrarmos na natureza que tem no parque.

As crianças estavam empolgadas para coletarem em todos os espaços citados na roda de conversa. Cada espaço da escola que as crianças exploravam era permeado por risadas, brincadeiras, contemplação e um olhar atento a tudo que encontravam. De acordo com Oliveira (2007, p. 81), estes espaços são

Lugares que nascem do elo afetivo entre criança e lugar, do entre, da possibilidade de habitem a partir do vínculo, do pertencimento, do brincar. São espaços da ESCOLHA, espaços de TATO. São espaços do EFÊMERO, capazes de absorver múltiplas interpretações e, em seguida, voltar a sua situação de insignificante, à espera de novas invenções (Oliveira, 2007, p. 81).

O entrelaçar das crianças e natureza no espaço escolar foi propulsor da experiência com as práticas corporais como oportunidade de vida e aprendizado, bem como, um espaço/tempo de formação que acolheu a fantasia, o pensar e o fazer divergentes, a imaginação, a criatividade, a individualidade e a coletividade de cada criança. Cunha (2018, p. 237) em seu texto, afirma que:

As crianças são curiosas, brincantes, com capacidade para se maravilhar com o mundo e com seus sons e silêncios, entonações e modulações da fala, com cores, formas, luzes, objetos, movimentos, deslocamentos, modos variados de ocupação de tempos e de espaços, e atuam a partir de um corpo que se arrisca com paixão a essas descobertas e experimentações.

Segundo Oliveira (2007), os melhores esconderijos são encontrados pelas crianças, pois elas enxergam o mundo em variadas camadas, nada é pouco ou raso demais, sempre existe um espaço para o imaginário. As crianças são criativas, capazes de vivenciarem situações e brincadeiras em tempo e espaços que o adulto deixa passar despercebido.

De fato, é nesse intervalo “ENTRE” que as crianças se encolhem, se encantam, se escondem no visível – embaixo do arbusto, atrás da árvore, entre as folhagens, como se estivessem invisíveis. Também temos o Campo de Experiência “Eu, o outro, nós” que traz como intencionalidade a construção identitária e a subjetividade da criança, o que possibilita experiências que proporcionam à criança se relacionar com o autoconhecimento e com interações sadias entre professores e seus pares. Nesse percurso da coleta, as crianças

vivenciaram um emaranhado de descobertas, aprendizados, brincadeiras, explorações e encantamento.

E, foi assim, em cada canto um encanto, em cada espaço corriqueiro um intervalo ENTRE era recheado de novidades. Pois, “ali, naquele ninho, vive o íntimo. Ali vive um dos mais intensos elos afetivos capazes de acender toda uma casa por dentro!” (Oliveira, 2007, p. 96). E nesses elos afetivos, seguia a coleta.

Episódio 3 - Continuação: Que bichinho é este?

Criança 9: Será que vamos encontrar Caramujo, Joanelinha e outros bichinhos?

Professora: Hum, estou curiosa para saber e vocês? O que vocês acham, será que o material encontrado no parque é igual ao que tem no quiosque?

Criança 8: Eu acho que vai ser um pouquinho diferente.

Professora: Este saquinho é para os materiais da natureza do caminho da sala de música, este outro para os materiais da horta e este outro saquinho para os materiais do parque de madeira.

Criança 9: Professora... podemos trazer terra e também bichinhos?

Professora: Será que a terra e os bichinhos são iguais em todos os espaços?

Criança 10: Quando eu vou brincar no parque, percebo que lá os materiais são diferentes aqui do quiosque.

Professora: Hum, então mãos à obra!!! Vamos pegar as lupas, os binóculos e vamos investigar nossos espaços de natureza da escola.

Criança 9: Que legal! Oba, podemos trazer para a sala de aula?

Professora: Ah, vamos coletar e trazer tudo o que encontrarmos, vamos investigar se são iguais ou diferentes, se tudo é natureza.

A presença desses espaços com natureza na escola contribuiu como pontos pulsantes, verdadeiros vértices que tiveram um poderoso poder de atração sensorial, pois são objetos, miudezas e pequenos bichinhos que se especializam e que dão vida e novo significado a partir do encontro investigativo criança/natureza.

Todo material coletado foi trazido para a sala e disponibilizado para exploração, discussão, observação. Foi um momento em que as crianças puderam misturar sentimentos e emoções. Nesse processo, as crianças no individual/coletivo vivenciaram a interação com a natureza/escola em seus variados espaços. Vale lembrar o que nos diz Oliveira (2007, p. 81) quando afirma que:

[...] uma pequena coleção inacabada, cujos nomes não são nosso principal foco, pois mais importa o que germina ali. Em cada canto fértil que adentrarmos. Manuel de Barros diz que, ao descobrir que o rio, mole que passava atrás de sua casa chamava-se enseada, a imagem já não era mais a mesma, pois o nome havia empobrecido a coisa. Sendo assim, essa coleta é menos nomear/catalogar e mais sobre a coisa para ser observada mais de perto, para ver nos detalhes, nas miudezas. E uma coisa é certa: são lugares que são possíveis de brotar em qualquer chão de escola! Basta tempo e espaço para ser criança.

Logo, mais importante do que catalogar o que se levou para a sala foi a oportunidade que fora experienciada, ou seja, as brincadeiras, as novas descobertas, as interações, as emoções, os cheiros, enfim, as possibilidades de apropriação dos espaços que a escola oferece.

d) 4º Encontro

O quarto encontro foi permeado por carinhas de surpresa, de espanto, de eu já sabia. Agora, todo material coletado, observado e analisado pelas crianças seriam separados, cada material foi devidamente identificado com o nome do local onde fora coletado. Apesar dos protestos, as crianças devolveram os bichinhos ao seu *habitat* natural, a despeito de terem sido o centro das atenções.

Os outros materiais trazidos para a sala foram novamente disponibilizados às crianças que, em conjunto, decidiram que a melhor maneira era colocar cada material em um saquinho grande. Porém, após discussão decidiu-se que seriam organizados em cima de papéis e envolvidos com papel *contact* para melhor visibilidade. Nesse percurso, observou-se o quanto foi importante para as crianças explorarem e vivenciarem novas experiências com e na natureza, pois elas puderam fazer suas ancoragens nas experiências vividas, ao separarem e compararem os materiais. De acordo com Mattos *et al.* (2020, p. 25):

Todo educador é sempre convidado a aprender sobre a natureza da criança para, então, encontrar os princípios para a educação adequada. Esse é o caminho autêntico para a educação. Não podemos nos esquecer que a palavra cultura vem do cultivo da terra, é um voltar-se à terra. Não é por acaso que o gesto da criança pequena é esse: colocar os pés e as mãos na terra, entregar-se a ela, deixar-se mergulhar em todos seus sentidos físicos e educar este corpo que também tem sua natureza física, mineral.

Imbuídos desta verdade, foi-se mediando entre criança/natureza a melhor maneira de apropriação dos novos conhecimentos, descobertas e experiências. Tal observação, possibilitou elencar os seguintes objetivos e recursos:

Quadro 4 – Atividade 4

Objetivos de Aprendizagem e desenvolvimento	Recursos
(EI02ET05) Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.). (EI02ET01) Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (textura, massa, tamanho).	- Cartolinas - Contact - Materiais da natureza - Cola

Fonte: As autoras.

A seguir, no episódio 4, apresenta-se trechos do que ocorreu no quarto encontro.

Episódio 4 - Organizando o que coletamos: vamos observar?

Professora: Vocês encontraram materiais da natureza iguais nos espaços que fomos?

Criança 10: Essa folha parece com essa daqui.

Professora: Hummm... será que é igual mesmo? Vamos investigar?

Criança 10: Não professora, não é igual, é parecida.

Professora: Como assim?

Criança 10: Lembra um pouquinho aquela folha...

Professora: Ah... entendi.

Professora: E aí crianças, o que vocês conseguiram observar?

Criança 9: Olha professora, este lírio tem dentro dele umas perninhas que parecem uns sapatinhos!

Professora: É mesmo? E você o que encontrou de diferente?

Criança 11: Eu não tinha conseguido ver, mas depois que olhei esta flor com a lupa, vi que ela é cor de laranja dentro dela.

Cada criança se interessou por um material diferente, e assim, todos cooperaram para a organização dos elementos coletados. As flores e sementes de cada espaço foram deixados por último, pois as crianças estavam empenhadas e encantadas em suas observações. As lupas e os binóculos, apesar de não serem profissionais, possibilitaram uma melhor visualização dos detalhes e nuances escondidos em cada elemento pesquisado. Tal fato, foi notório ao ouvir os relatos das crianças depois da observação com os instrumentos.

Assim, depois de observarem incansavelmente os materiais, os elementos foram organizados e colocados em murais para que todos os amigos da escola pudessem partilhar do desenvolvimento e aprendizado das pesquisas e investigações.

De acordo com Mattos *et al.* (2020), a janela da observação é exercitada por todos que se aventuram no estudo e pesquisa da Antroposofia, um termo Grego que significa "conhecimento do ser humano". É um procedimento de conhecimento da natureza, do ser humano e do universo, ampliando o olhar dos métodos convencionais. É uma compreensão que deseja integrar de uma maneira holística o desenvolvimento físico, social, afetivo, intelectual e artístico dos indivíduos consigo mesmo, com a natureza e toda sua biodiversidade.

Depois de satisfazerem o sentimento e o desejo de exploração e manipulação de todo material da natureza encontrado no espaço escolar, foi proposto às crianças que criassem o que quisessem. A proposta surgiu a partir da observação da pesquisadora em relação ao grande interesse das crianças em manipular o que estava sendo observado.

e) 5º Encontro

As crianças são iniciantes na vida e na arte, e o mundo, para elas, é fascinante pelo que ele lhes oferece em termos de descobertas, de vivências e suas consequentes aprendizagens, que elas expressam por meio de linguagens mais afeitas às características infantis. Estas englobam as sonoridades todas, para

além do que se ouve e fala, do que se vê, do que se move, do que se sente e intui, o que ainda não existe e pode ser criado (Cunha, 2018, p. 242-243).

De fato, as crianças surpreenderam a todos desde o início com suas hipóteses, seus conhecimentos prévios, bem como com seu comprometimento e envolvimento com/na pesquisa. De acordo com Friedmann (2020), podemos contribuir para uma boa saúde mental, física e emocional das crianças quando se oportuniza a elas tocarem a natureza e serem tocadas por ela. Além disso, propor variados espaços, diferentes materiais, arquivos lúdicos, possibilidades de construir seus próprios brinquedos, igualmente coopera com os seus aprendizados. “Nessas brechas lúdicas mora o germe do processo criativo dos seres humanos, oportunidades de expressarem, possibilidades de gestar vidas mais dignas e significativas” (Friedmann, 2020, p. 82).

Dentro do que estava sendo proposto, cada criança concentrou-se em recolher em suas sacolas o material necessário e compatível com o que desejava realizar. De volta a sala, elas organizaram o material, a partir de suas intenções. Os materiais de uso coletivo foram disponibilizados, além de massinha e cola. Assim, os processos criativos foram permeados de muita brincadeira, imaginação e dedicação. No quadro 5, a seguir, aponta-se os objetivos de aprendizagem e recursos que foram utilizados.

Quadro 5 – Atividade 5

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento	Recursos
Conhecer e analisar estratégias pedagógicas que façam com que as crianças se apropriem da natureza. (EI02TS02) Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais.	- Materiais coletados na natureza - Cola e massinha

Fonte: As autoras.

A seguir, no episódio 5, apresenta-se os trechos do que ocorreu no quinto encontro.

Episódio 5 - Explorando o material: vamos criar?

Professor: O que poderíamos fazer com o material que coletamos? Vamos criar?

Criança 11: Que legal!

Professor: Vocês podem usar todo material que coletaram na natureza.

Criança 11: Posso desenhar uma fogueira?

Professor: Pode sim.

Criança 12: Vou desenhar um peixe.

É notória a alegria e o entusiasmo das crianças em suas produções artísticas, é incrível observar como tomaram posse (se apropriaram) de todos os materiais encontrados. Friedmann (2020) diz que as crianças pequenas se tornam protagonistas espontâneas quando conseguem

se manifestar por intermédio de suas variadas maneiras de expressão, ou seja, por meio da brincadeira, da música, da dança, dos diferentes tipos de narrativas, dos gestos, das produções artísticas e a manifestação pode se constituir em caráter religioso, social, político, ético e cultural.

Episódio 5 - (Continuação): Que bicho é este?

Professor: Que bichinho vocês vão construir?

Criança 13: Eu vou fazer uma borboleta.

Professor: E você?

Criança 14: Quero fazer um Caramujo.

Professor: O que mais podemos construir com estes materiais?

Criança 15: Acho que vou construir uma aranha.

Professor: Nossa, quantos bichinhos podemos fazer com os materiais da natureza!!

Criança 16: Acho que vou fazer uma minhoca.

Para Vygotsky (1998), a ludicidade influencia imensamente o desenvolvimento da criança, pois é através do jogo que a criança aprende a agir, intensifica sua curiosidade, adquire autoconfiança, possibilita o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da criatividade e concentração. De acordo com o autor, "quando se brinca, o ser humano cria, inova, deixa fluir sua capacidade e liberdade de inventar novas maneiras para progredir e resolver problemas circunstanciais" (Vygotsky, 1998, p. 17).

Como ancoragem, traz-se a BNCC e os cinco campos de experiência para a Educação Infantil, que apontam algumas experiências fundamentais e necessárias para o aprendizado e desenvolvimento da criança. Tais Campos de Experiências também ressaltam a importância de a criança experienciar as vivências, os afetos, os fundamentos e atitudes que devem ser evidenciados na primeira infância. Portanto, busca-se assegurar uma aprendizagem integral e significativa por meio das vivências explicitadas nos Campos de Experiência, que trazem a interação e a expressão em situações que permitam os pequenos explorarem, pesquisarem, imaginarem e se movimentarem.

f) 6º Encontro

A seguir, apresentamos os objetivos de aprendizagem e os recursos utilizados.

Quadro 6 – Atividade 6

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento	Recursos
(EI02ET03) Compartilhar, com outras crianças, situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela. - Conhecer e analisar estratégias pedagógicas que façam com que as crianças se apropriem da natureza.	- Natureza e seus elementos - Sacolas grandes

Fonte: As autoras.

Ao conduzir as crianças fora do espaço escolar, pode-se observar que cada detalhe encontrado por elas fazia parte de um emaranhado de sentimentos vivido por elas. Cada buraco, cada miudeza, cada folha, cada árvore era motivo de pesquisa para os pequenos investigadores. Envolver-se, fazer parte desse processo investigativo com as crianças é estar presente nos diálogos e no cotidiano delas. É ter um olhar aprofundado para perceber os brotos, os detalhes, os cochichos, a aglomeração repentina (sempre observando algo novo, diferente) é necessário estar inteiro para se viver a intensidade do efêmero, ter paciência na repetição, para enxergar o renovo no desgaste e escutar a nova invenção a cada encontro.

Neste processo investigativo com as crianças pode se observar “que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há de ser medida pelo encantamento que a coisa produz em nós” (Barros, 2015, p.152).

Episódio 6 - Além da Escola de Educação Infantil: conhecendo o entorno

Professora: Hoje nós iremos investigar e conhecer a natureza que fica fora do nosso espaço escolar.

Criança 13: Oba!

Professora: Podemos arrancar as plantas e quebrar os galhos das árvores?

Criança14: Não, podemos pegar só o que está no chão...

Professora: Muito bem, isso mesmo. Os gravetos, as folhas, as sementes coloraremos dentro da sacola.

Episódio 6 (Continuação) - Investigação e Hipóteses

Professora: O que vocês estão fazendo?

Criança 15: Estamos investigando...

Professora: O que vocês encontraram?

Criança 16: Uma casa de formiga.

Professora: Será que é casa de formiga?

Criança 15: Eu acho que é uma casa de passarinho!

Para a ida ao bosque, combinamos algumas regras: não se quebraria nenhuma planta ou árvore, só se pegaria galhos, gravetos, folhas e plantas que estivessem caídos pelo caminho. O tempo estava muito bom, o céu claro e com uma luz do sol forte e brilhante, típica do mês de setembro. Para a coleta de materiais foram levadas algumas sacolas grandes para se colocar os materiais e em poucos minutos todos estavam envolvidos em seus trabalhos imaginários e criativos.

Uns apressando-se para recolher as folhas verdes, laranjas e amarelas, outros envolvidos no encantamento de raízes que num passe mágico imaginário se transformaram em dinossauros, polvo, minhocas, mas eram raízes que estavam expostas aos olhares atentos dos pequenos investigadores. Nesta visita ao bosque como argumenta Holm (2005, p. 82) “muitas coisas

novas foram feitas. Para alguns, a própria vivência no meio do mato já era artística”. E assim, seguiu-se rumo a novas aventuras.

As crianças estavam encantadas com as plantas crescidas de vários e diferentes jeitos. A imaginação e a criatividade das crianças, em contato com/na natureza foi notória e escandalosa (euforia, gritos, vivências sem medo ou constrangimento). A cada espaço novo, uma descoberta e um objeto novo a ser contemplado pelos pequenos pesquisadores. Era incrível perceber que a cada contato com a natureza, as crianças a tornavam como parte de si mesmos, de suas brincadeiras, do seu criar, do seu fantasiar e imaginar.

Em geral, os menores lugares, as miudezas, o efêmero, o banal são os intervalos que acolhem melhor a imaginação, a inventividade e a criatividade das crianças. Nesses intervalos vazios, mas cheios de afetos, lantejoulas se tornam em diamantes, pedrinhas em um bem precioso, pedras se tornam barcos, gravetos se tornam aranhas e um molhador giratório se torna em baleia. Envolvidos nessa invisibilidade momentânea, alguns escondem esses tesouros em bolsos, mochilas ou bem apertados nas pequenas mãozinhas, tudo para terem perto deles o objeto de seu encantamento. “Os brinquedos feitos de flora refletem a vida delicada de frutos e pétalas. Já a flora, feita brinquedo e transmutada no imaginar, refrata na alma o vasto campo da beleza” (Piorski, 2020, p. 13).

Percebe-se que quanto mais as crianças são tocadas e afetadas pelo espaço verde que visitam, mais conseguem descrevê-los em seus mínimos detalhes, bem como revisitá-los em suas lembranças e memórias. Observa-se, que existe algo de muito potente e expressivo quando essas memórias afetivas perpassam pelo tatear do corpo infantil. Por meio do tato, as crianças se apropriam de conhecimentos complexos, percebem diferenças e semelhanças como nos diz Pallasmaa (2011, p. 10), “O tato é o modo sensorial que integra nossa experiência de mundo com nossa individualidade. [...] Meu corpo lembra quem eu sou e onde me localizo no mundo”.

E nesse entrançado imaginativo, convidativo e com a luz do sol que permeava as árvores do bosque, a aquecer os pequenos corpos, a caminhada se encaminhava para o final da excursão do sexto encontro, quando, de repente, no caminho de volta à escola, eles encontraram um formigueiro.

Episódio 6 (Continuação) - A Árvore Formigueiro

Professora: Olhem crianças... observem esta árvore.

Criança 18: Uma formiga!

Professora: Onde está a casa delas?

Criança 18: Olha... elas estão entrando dentro da árvore.

Professora: Será que elas moram na árvore?

Criança 18: Eu acho que sim, elas estão levando a comida nas costas para dentro da árvore.

Criança 20: Nossa! Elas estão guardando comida!

Professora: Isso mesma criança.

Era o que faltava para se encerrar o sexto encontro: um formigueiro. No caminho de volta para a escola, as crianças perceberam uma trilha de pequenos insetos andando em ziguezague, carregando seus alimentos nas costas e adentrando em um pequeno orifício de uma árvore. Foi a motivação que faltava para voltar a aglomeração e a euforia entorno da nova descoberta, o formigueiro. As crianças ficaram admiradas ao observarem a maneira como as formigas andavam rapidamente e em diversas direções, nunca em linha reta. E assim, gastaram um bom tempo estudando e investigando o que as formigas faziam, a comida que carregavam e para onde levavam, a maneira como caminhavam desde as menores até as maiores. Encerrou-se, dessa maneira, o sexto encontro, felizes e satisfeitos pois,

O objetivo é encontrar evidências de uma ‘eficácia simbólica’ da brincadeira. A criança, em liberdade criativa, recria uma terapêutica social ao acessar os ‘hormônios simbólicos’ guardados em sua imaginação e na própria cultura. Ela tem acesso a núcleos de imagens que servem de ‘tutor energético’ para a sua autoeducação e encontra, nessa autoinstrução a natureza como fonte de energia criadora, fonte endócrina do dinamismo imaginário do brincar (Piorski, 2020, p. 49).

Imbuídos dos laços afetivos nesse caminho investigativo, cada um levou para casa guardado em seus bolsos, mochilas, corpos e memórias os seus objetos e miudezas preferidos, num encontro imaginativo e de encantamentos.

g) 7º Encontro

Nosso sétimo encontro foi permeado por muita brincadeira de faz de conta, imaginação e criatividade. As crianças estavam muito empolgadas, experienciando ainda o encontro passado. Assim, todas foram convidadas a se sentarem em roda para se estabelecer a rotina. Aos poucos, foram se acalmando e prestando atenção ao diálogo e as novas propostas discutidas em roda. Foi então que uma criança perguntou se elas poderiam brincar com os materiais que estavam nas sacolas grandes. Incrível a sintonia, pois a proposta para o dia era que usassem todo material coletado no encontro anterior para brincarem livremente na sala. De acordo com Piorski (2020, p. 74):

Os brinquedos da criança permitem a inquisição livre do olhar, a sondagem e a investigação da natureza, o encontro com a integridade de suas formas, com a individualidade oculta em seus contornos e texturas, com a intimidade de muitos modos de ser. Para a imaginação das coisas materiais, no brincar, todo corpo é espaço de ser, é território do ôntico, de vida interior, moldando as primícias íntimas da criança.

Sendo assim, foi disponibilizado às crianças todo material recolhido da natureza como: gravetos, folhas grandes, pequenas e de diferentes cores, sementes, pedras dentre outros e num

pisca de olhos, lá estavam eles enredados em suas fantasias e imaginações, a desfrutar como parte de si mesmos, os materiais coletados da natureza. A seguir no quadro 7, apresentamos os objetivos de aprendizagem e os recursos utilizados.

Quadro 7 – Atividade 7

Objetivos de Aprendizagem e desenvolvimento	Recursos
(EI03CG05) Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas. Expandir as diferentes linguagens artísticas/culturais e explorar novas formas de expressões corporais.	- Materiais coletados

Fonte: As autoras.

Cada criança se apropriou de um tipo de material da natureza que mais se adequava a sua brincadeira: cascas grandes e pequenas se tornaram em carrinhos (esta criança amava brincar de carrinhos), outra usou como suporte para a sua fogueira, gravetos de todos os tipos e tamanhos. Tinha ainda, as que brincavam repetidamente de encher os potinhos com materiais de tipos, texturas e tamanhos diferentes, testando hipóteses a cada segundo.

Foram inúmeras brincadeiras realizadas pelas crianças, utilizando os materiais da natureza. Cada graveto tinha uma função diferente, brincaram de super heróis, espada super poderosas, varinha mágica, cascas do poder, tiro ao alvo, baquetas para pedra tambor, dentre outras brincadeiras. De acordo com Friedmann (2020, p.79) as “brincadeiras podem favorecer a cura psíquica e física. E também traçar caminhos de conhecimento e descoberta de potenciais, incentivando a autonomia, a livre escolha e a tomada de decisões”.

O sétimo encontro terminou com uma tremenda bagunça em toda sala: potes pequenos e grandes, folhas, sementes, flores, gravetos, caixas, terra, cascas e muito mais, porém todo aprendizado foi sendo organizado e estabelecido por meio das interações com os pares, com os diversos materiais e com a pesquisadora/professoras.

h) 8º Encontro

O oitavo encontro foi um misto de alegria, euforia, despedida e muitos outros sentimentos vividos. Observa-se que as anotações, os áudios, os vídeos, as imagens, a memória e o compartilhar e partilhar com nossos pares foram opções de se armazenar os aprendizados, as emoções, a euforia e a distração de cada integrante nesse processo de pesquisa, porém muitos detalhes como belezas e miudezas de conhecimentos passaram despercebidos. Mas do que foi experienciado, percebido, tocado e explorado deixaram ensinamentos e aprendizagens incríveis, como por exemplo o encontro: em que as crianças com simplicidade souberam responder perguntas extremamente complexas como: Como faço para contar para alguém o que

vi, sem ter uma imagem? A imagem fotográfica mostra o real? Se esse bicho que está na fotografia é uma vaca, então porque eu não posso pegar leite dela? Qual a diferença do real e da imagem fotográfica?

Foi importante constatar como as crianças vão assimilando conhecimentos e dando respostas tão corretas e simples para assuntos tão complexos. Segundo Friedmann (2020, p.78) “nas brincadeiras, inicia-se uma das origens da construção dos seres humanos: suas linguagens”. Pautados nestas observações, seguiu-se traçando os objetivos e recursos, descrevendo os episódios e seus fragmentos:

Quadro 8 – Atividade 8

Objetivo de Aprendizagem e desenvolvimento	Recursos
(EI03ET04) Registrar observações, manipulações e medidas, usando múltiplas linguagens (desenho, registro por números ou escrita espontânea), em diferentes suportes. (EI02EF05) Relatar experiências e fatos acontecidos, histórias ouvidas, filmes ou peças teatrais assistidos etc.	- Ipad - Imagens da natureza

Fonte: As autoras.

Episódio 8 - Fotografando a Natureza

Professora: Quem gosta de fotografar?

Criança 13: Eu, eu.

Professora: (Risos) Muito bem!

Criança 11: Olha... eu já tirei várias fotos com o celular da mamãe.

Professora: Sério? Você escolheu algo legal para fotografar? Foi divertido?

Criança 11: Sim... eu tirei foto de tudo o que eu via (Risos)

Criança 13: Vamos poder tirar foto do que quisermos?

Professora: Você terá que pesquisar e escolher alguma coisa da natureza ou objeto que você mais gostar.

Cada criança escolheu a paisagem, o objeto ou sua natureza preferida para ser fotografada. Cada um teve seu momento de euforia ao encontrar algo para fotografar e assim, finalizamos o projeto, analisando o que cada um conseguiu registrar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, investigamos como a criança, no contexto da Educação Infantil, se apropria da natureza e que estratégias pedagógicas poderiam contribuir para uma apropriação mais significativa. Pautados no pressuposto de que a interação da criança com/na natureza, por meio da exploração e investigação, poderia gerar uma apropriação mais significativa, elaboramos, executamos e analisamos uma sequência didática. Cada encontro foi construído

gradualmente com a participação das crianças. No caminho percorrido foi essencial a constância nas reflexões e a flexibilidade no planejamento e nas rotinas, sem desconsiderar os campos de experiências propostos na BNCC. O objetivo foi propiciar condições para que elas pudessem explorar, manipular e investigar o que pertence à natureza.

Inicialmente, a intenção foi conhecer como as crianças observavam a natureza e seus elementos. Vale lembrar que apesar da escola possuir um espaço que permitia uma aproximação com a natureza, ele era muito pouco explorado. Como apontado, anteriormente, a experiência foi ao encontro do que é proposto por Lea Tiriba (2010), ou seja, [...] cuidar das crianças significa mantê-las em contato com o universo natural de que são parte. Se o nosso compromisso é com a sua integridade e com a preservação da vida no planeta, sol, ar puro, água, terra, barro, areia são elementos/condições que devem estar sempre presentes. (p.7)

Concluimos que as crianças participaram ativamente da proposta, aproveitando os cantos verdes da escola como espaços de investigação. Neles, por meio de uma pedagogia sensível da escuta, elas nos mostravam com suas indagações, olhares e seus corpos suas aprendizagens.

Os bichinhos, os objetos, as pedrinhas, as cascas, os cantos escondidos, tudo era motivo de investigação. Todo processo criativo e imaginativo das crianças era borbulhante, pois traziam em suas mentes e corpos os registros fresquinhos de todo contato vivido com e na natureza. Nesse caminho desafiador, no qual a pesquisa esteve inserida, foram essenciais os registros, as reflexões e a flexibilidade no planejamento. Finalizando, ao se planejar espaços de aprendizagens nos quais a criança possa brincar e explorar, contribuimos para o seu desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. O significado da infância. *In*: Seminário Nacional de Educação Infantil, 1., 1994. *Anais* [...]. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1994. p. 88-92.

BARROS, M. de. *Memórias inventadas: a infância*. Ilustrações de Martha Barros. São Paulo: Planeta, 2015.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. Ministério da educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília: MEC, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 07 jun. 2022.

FRIEDMANN, A. *A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias*. São Paulo, Editora Panda educação, 2020.

HOLM, A. M. *Fazer e pensar arte*. São Paulo: Editora: MAM-SP, 2005.

MATTOS, L. *et al. Aninhar: um olhar para as crianças e o seu brincar com as pedras*. Florianópolis: Editora Diálogo, 2020.

OLIVEIRA, R. *Espaços afetivos: habitar a escola*. São Paulo: Editora Diálogo, 2007.

MOSS, P. *Reconceitualizando a Infância: crianças, instituições e profissionais*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PIORSKI, G. *Brinquedos de chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Editora Petrópolis, 2016.

TIRIBA, L. *Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza*. 2. ed. Rio de Janeiro: Criança e Natureza, 2010.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOBRE AS AUTORAS

Rita de Cássia Silva e Silva possui graduação em Pedagogia (2013) e mestrado em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atualmente, trabalha como professora auxiliar na Educação Infantil do Colégio Presbiteriano Mackenzie Higienópolis, espaço diverso, onde vivencia a alegria de ensinar os pequenos por meio de histórias, músicas, rimas e toda ludicidade implícita nesse espaço. Nesse entrelaçar de diversidade estética, textual e de valores produzido nas interações, deu sentido e significado a minha concepção sobre o ato de ensinar, pois não se consegue imaginar qualquer aprendizado fora das relações dialógicas que são estabelecidas com o outro.

Email: cassias1967@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2099-0681>

Maria de Fátima Ramos de Andrade possui pós-doutorado em Políticas e Práticas da Educação Básica e Formação de Professores pela Fundação Carlos Chagas, doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, mestrado em Educação pela Universidade de São Paulo e graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua em cursos de graduação e pós-graduação em Educação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Formação de Professores, atuando principalmente nos seguintes temas: base de conhecimento para o ensino, desenvolvimento profissional da docência, aprendizagem profissional da docência, (multi) letramentos e práticas pedagógicas. Integra a Rede de Estudos sobre Desenvolvimento Profissional Docente (REPED). Membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Membro associada do World Education Research Association (Wera). Group: International Research Networks (IRNs). Didactics ? Learning and Teaching.

Email: mfrda@uol.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4945-8752>

*Recebido em 10 de fev. de 2024.
Aprovado em 01 de fev. de 2025.
Publicado em 05 de jun. de 2025.*